

NOTA SOBRE A CONJECTURA DE SCHWEGLER EM *METAFÍSICA* E1, 1026A14

A NOTE ON SCHWEGLER'S CONJECTURE ABOUT *METAPHYSICS* E1, 1026A14

RENAN EDUARDO STOLL*

Resumo: Neste artigo, ofereço algumas razões contra a conjectura de Albert Schwegler para o texto de *Metafísica* E1, 1026a14. Schwegler sugeriu que, em 1026a14, o termo *ἀχώριστα* fosse substituído por *χωριστά* ou *τὰ χωριστά*. Essa conjectura passou a ser predominante e é ainda aceita por muitos intérpretes. Eu considero as razões apresentadas por Schwegler para a correção do texto e procuro mostrar que elas não se sustentam.

Palavras-chave: Aristóteles; Schwegler; filosofias teóricas; física.

Abstract: In this paper I offer some reasons against Albert Schwegler's conjecture for the text of *Metaphysics* E1, 1026a14. Schwegler suggested that in 1026a14 the term *ἀχώριστα* should be replaced with *χωριστά* or *τὰ χωριστά*. This conjecture has become predominant and is still accepted by many interpreters. I discuss the reasons given by Schwegler for the correction of the text and try to show that they should be rejected.

Keywords: Aristotle; Schwegler; theoretical philosophy; physics.

O objetivo deste artigo é oferecer algumas razões para a não adoção da correção proposta por Albert Schwegler (1848) no primeiro capítulo do livro E (VI) da *Metafísica* de Aristóteles, em 1026a14. No trecho em questão, Schwegler propôs que o termo *ἀχώριστα*, transmitido pelos códices, fosse substituído por *χωριστά* ou *τὰ χωριστά*. Essa substituição foi aceita por editores, tradutores e intérpretes, de modo que a leitura de *χωριστά* para 1026a14 passou a ser predominante e ainda encontra muitos adeptos. Creio, no entanto, que a conjectura de Schwegler deva ser recusada. Apesar da discordância ainda existente quanto à leitura mais adequada, não é comum que encontremos um exame das razões do próprio Schwegler para a substituição dos termos. No que segue, considerarei essas razões e procurarei mostrar que elas não se sustentam.

* Pesquisador na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, RS, Brasil. <https://orcid.org/0000-0002-9995-3228>. E-mail: renanestoll@gmail.com

Antes de passar ao ponto, é preciso considerar brevemente o contexto de *Metafísica E1*. Em *Metaph. E1*, Aristóteles divide as filosofias ou ciências¹ em três tipos,² a saber, a ciência prática (*πρακτική*), a produtiva (*ποιητική*) e a teórica (*θεωρητική*). A ciência ou filosofia teórica, que nos interessa no momento, é subdividida em três disciplinas, de modo que cada uma dessas disciplinas é qualificada através de um adjetivo. Pode-se distinguir, assim, no âmbito das filosofias teóricas, a filosofia matemática, a filosofia física e a filosofia teológica. O posto da filosofia teológica entre as disciplinas teóricas, no entanto, é condicionado à existência de algo eterno, imóvel e separado. O condicional em questão pode ser observado tanto em 1026a10-13 quanto em 1026a27-31. Em ambos os trechos, Aristóteles afirma que, caso haja algo eterno, imóvel e separado, é tarefa de uma filosofia teórica conhecê-lo; essa filosofia teórica, no entanto, não seria a física³ nem a matemática, mas outra anterior a ambas, que, como observado, é denominada “teológica” (1026a19).

Cabe notar que Aristóteles não afirma, em *Metaph. E1*, a existência de uma substância eterna, imóvel e separada; o livro E deixa a questão em aberto. No tratado da *Metafísica*, a prova de tal substância é encontrada apenas no livro Λ (XII). Assim, quando Aristóteles menciona, em E1, a possibilidade da existência de uma substância imóvel, ela sempre aparece em forma de um condicional. O que marca de modo mais forte que a posição dessa filosofia teológica entre as ciências teóricas esteja condicionada à existência de tal substância é o uso de *ὥστε* em 1026a18, que parece complementar, por meio de uma conclusão, o condicional apresentado em 1026a10-13; ou seja, havendo algo eterno, imóvel e separado, “três seriam, consequentemente [*ὥστε*], as filosofias teóricas: a matemática, a física e a teológica”⁴ (1026a18-19).

Aristóteles estabelece uma hierarquia entre essas filosofias teóricas. Ele insiste que a filosofia teológica seja anterior às outras duas (*προτέρας*, 1026a13; *προτέρα*, 1026a30), bem como a mais honrosa (*τιμιωτάτην*, 1026a21) e a mais digna de escolha (*αἰρετωτάτη*⁵ 1026a23), além de ser primeira (*πρώτη*, 1026a16)

¹ Os termos “filosofia” e “ciência” são usados como sinônimos em *Metaph. E1*.

² Cf. Ross ([1924] 1997, I, p. 353).

³ Cabe mencionar que o que devemos entender por “física” é o estudo da *physis* como um todo, o que abrange a totalidade das ciências naturais.

⁴ As traduções dos textos de Aristóteles são de minha autoria.

⁵ O superlativo *αἰρετωτάτη* está implícito na oração. Em 1026a22-23, Aristóteles usa o superlativo *αἰρετώταται* para a condição de superioridade das ciências teóricas em relação às outras ciências e, em seguida, considera a superioridade da ciência teológica em relação às demais ciências teóricas.

e universal por ser primeira (*καθόλου οὔτως ὅτι πρώτη*, 1026a30-31). A hierarquia entre as filosofias teóricas é também perceptível através da afirmação de que “se não houver alguma outra substância além das formadas por natureza, a física será a ciência primeira” (*Metaph.* E1, 1026a27-29). Ademais, em *Metaph.* Z11 (1037a14-15), a física é caracterizada como a filosofia segunda.

Parece possível sugerir que a hierarquia entre as filosofias teóricas esteja fundamentada na diferença quanto aos seus objetos de estudo. Mansion (2009, p. 133), por exemplo, sugere que a filosofia teológica seja dita primeira por ter como objeto o ser primeiro, a realidade mais elevada e mais perfeita. Ao comentar o trecho de *Metaph.* Γ2, 1004a2-9, no qual Aristóteles afirma que há tantas partes da filosofia quantas são as substâncias e que, dentre essas partes, uma é primeira e outra, segunda, Mansion (2009, p. 142) também sugere que “a dignidade e a prioridade que temos motivo para atribuir aos diversos ramos da filosofia vêm da dignidade e da própria perfeição de seu objeto”. O ponto de Mansion é que a classificação das ciências teóricas decorre do nível de ser do objeto de cada uma dessas ciências. Assim, dado que a substância imóvel seria o tipo mais perfeito de ser, a ciência que dela se ocupa assumiria a posição de filosofia primeira.

Uma questão que naturalmente pode surgir é por que a física, e não a matemática, é dita ser a filosofia segunda. A questão pode ser respondida através do mesmo critério do nível de ser ou substancialidade dos objetos de cada ciência: para Aristóteles, os objetos matemáticos não são substâncias e, portanto, são inferiores aos objetos da física, estes sim considerados substâncias. Consequentemente, a física ocupa a segunda posição entre as filosofias teóricas.⁶

Além disso, é possível observar que os objetos de estudo de cada uma das ciências teóricas são classificados de acordo com dois critérios: separação e movimento. Com efeito, em *Metaph.* E1, 1026a13-16, Aristóteles afirma que a física diz respeito a coisas não separadas⁷ e não imóveis; algumas das matemáticas⁸ se ocupam de coisas imóveis e não separadas; enquanto a filosofia teológica trata de coisas separadas e imóveis.

⁶ Sobre o ponto, ver Mansion (2009, p. 155s).

⁷ Como pretendo argumentar, devemos manter a leitura de *ἀχώριστα* para 1026a14.

⁸ *τῆς μαθηματικῆς* é um partitivo, ou seja: “algumas das matemáticas [sc. algumas disciplinas matemáticas] dizem respeito a coisas imóveis, porém certamente não separadas, mas existentes na matéria” (1026a14-15). Isso deixa em aberto a possibilidade de haver disciplinas matemáticas que tratem de seres separados. Com efeito, em *Metaph.* E1, Aristóteles parece hesitar sobre os objetos da matemática serem ou não separados (cf. 1026a7-10).

É nesse contexto da divisão entre as filosofias teóricas e seus respectivos objetos de estudo que encontramos o ponto fundamental abordado neste artigo, a saber, a conjectura de Schwegler para 1026a14. Schwegler, no quarto volume da obra *Die Metaphysik des Aristoteles: Grundtext, Übersetzung und Commentar, nebst Erläuternden Abhandlungen*, publicada entre 1847 e 1848, propôs uma correção que foi aceita por diversos editores, tradutores e intérpretes. Schwegler sugeriu que o termo *ἀχώριστα*, presente em 1026a14, fosse substituído por *χωριστά* ou *τὰ χωριστά*. Nesse caso, diferentemente do que pretendo sugerir, a física não diria respeito ao estudo de entes não separados (*ἀχώριστα*), mas sim separados (*χωριστά*). A diferença reside no modo como interpretamos o termo *χωριστόν*, que pode ser traduzido, de modo geral, como “separado” ou “separável”. O termo é usado por Aristóteles tanto para estabelecer o contraste entre seres materiais e imateriais⁹ quanto para estabelecer o contraste entre a substância e os itens das outras categorias.¹⁰ Em *Metaph.* E1 (1026a13-16), a leitura de *ἀχώριστα* sugere que os objetos da física sejam não separados *da matéria*; a leitura de *χωριστά*, por outro lado, sugere que os objetos da física existam por si, de modo que o critério de separação não diria respeito, portanto, à separabilidade da matéria. Nesta última leitura, o sentido relevante de *χωριστόν* corresponde àquele através do qual Aristóteles estabelece o contraste entre a substância e os itens das outras categorias.

Embora o crédito de tal conjectura seja dado a Schwegler, Menn (Iγ1,¹¹ p. 8) destaca que ela já teria sido pressuposta por Michelet. De fato, Michelet (1836, p. 162) assim observa: “A física trata da substância material e sensível que existe por si, mas que está sujeita ao princípio de movimento e de mudança”.¹² Michelet, no entanto, não aprofunda a discussão para justificar a leitura de *χωριστά* em vez de *ἀχώριστα*. Schwegler (1848, IV, p. 16), por outro lado, oferece a seguinte justificativa para sua conjectura:

Que a física se ocupe *περι ἀχώριστα*, essa afirmação deve sobressair no mais alto grau. Não apenas o contexto do raciocínio (cf. o que foi observado

⁹ Neste caso, também é possível encontrar o termo no participípio perfeito: *κεχωρισμένη*. Cf. *De an.* I 1 (403b15-16); *Metaph.* Z17 (1041a8-9), Λ7 (1073a4), M10 (1086b17).

¹⁰ Cf., por exemplo, *Metaph.* Z1 (1028a33-34) e Λ1 (1069a24). Para uma discussão mais refinada sobre o sentido de *χωριστόν* que se aplica à substância, ver o artigo “Sobre a separação das substâncias aristotélicas: um panorama opinativo”, de Wolfgang Sattler (no prelo).

¹¹ Como o texto de Menn é um projeto em andamento e ainda não foi publicado, e como as páginas de todos os capítulos são numeradas a partir do número 1, optei por utilizar, no lugar da indicação de ano, a indicação de capítulo.

¹² As traduções da literatura secundária para o português são de minha autoria.

sobre o § 14) e o contraste lógico que é tão clara e precisamente destacado pelas partículas adversativas exigem *χωριστά* ou *τὰ χωριστά* em vez de *ἀχώριστα*, como também o próprio assunto exige: os objetos da *φυσική* enumerados em § 12 são, sem dúvida, coisas individuais, *χωριστά*. Do mesmo modo *Metaph.* VII 11, 20¹³: *τῆς φυσικῆς καὶ δευτέρας φιλοσοφίας ἔργον ἢ περὶ τὰς αἰσθητὰς οὐσίας θεωρία*. Quando Aristóteles diz em *De anima* I 1, 403b10, que o físico se ocupa *περὶ τὰ πάθη τῆς ὕλης τὰ μὴ χωριστὰ μηδ' ἢ χωριστά*, isso, naquele contexto problemático, só pode querer dizer que os objetos do físico não sejam conceitos que existem em separado da matéria, mas *λόγοι ἔνυλοι οὐ μὴ χωριστοὶ τῆς ὕλης*.

A correção proposta por Schwegler para 1026a14 vai contra ao que encontramos nos códices, no comentário de Pseudo-Alexandre, na tradução de Gulielmi de Moerbeka, bem como nas edições de Bekker (1831) e Bonitz (1848), que apresentam a leitura de *ἀχώριστα*. Editores como Christ ([1886] 1906), Ross ([1924] 1997) e Jaeger (1957), no entanto, seguiram a conjectura de Schwegler e substituíram *ἀχώριστα* por *χωριστά*. Dentre algumas traduções e interpretações, cabe observar que Ross, na tradução de 1928 da *Metafísica*, lê *χωριστά*, mas a revisão de sua tradução para a coleção *The Complete Works of Aristotle*, editada por Barnes (1984), apresenta a leitura de *ἀχώριστα*. Tradutores e intérpretes mais recentes também apresentam visões opostas sobre qual leitura deve ser admitida. Kirwan (1993), Reale (1997) e Stephen Menn (Iy1), por exemplo, aceitam a correção de Schwegler; Décarie (1985), Martínez (1994), Angioni (2007), Berti (2017) e Salis (2018), por outro lado, a rejeitam. No que segue, pretendo argumentar a favor dos que rejeitam a conjectura de Schwegler para 1026a14.

Começo por considerar dois pontos inicialmente destacados por Schwegler para sua conjectura. O primeiro deles diz respeito ao contexto; o segundo diz respeito ao contraste lógico marcado pelas partículas adversativas no trecho em questão. Quanto ao contexto, creio que não oferecerei razões distintas das já apresentadas por Décarie (1985), mas viso detalhar alguns aspectos contextuais e fundamentar a leitura de *ἀχώριστα* para 1026a14 através de algumas observações sobre *Física* II 2. Com relação ao contraste lógico referente ao uso das partículas adversativas, entretanto, procuro apresentar novas razões para a rejeição da conjectura de Schwegler.

Em sua justificativa, Schwegler infelizmente não discorre de modo aprofundado sobre o contexto argumentativo, mas faz referência ao que observou

¹³ Cf. 1037a13-17 da numeração Bekker.

sobre o parágrafo 14 em sua divisão do texto da *Metafísica*. O parágrafo 14, como é possível conferir no primeiro volume da publicação, corresponde ao trecho 1026a8-10 da numeração Bekker, trecho no qual Aristóteles afirma não ser evidente se os objetos da matemática são imóveis e separados, mas que a matemática considera alguns deles enquanto imóveis e enquanto separados (*ἢ ἀκίνητα καὶ ἢ χωριστά*). O que Schwegler (1848, IV, p. 14-15) observa sobre o parágrafo 14 diz respeito, fundamentalmente, às razões por ele indicadas para a substituição de *ἢ χωριστά* por *μὴ χωριστά* em 1026a9-10.¹⁴ A substituição de *ἢ χωριστά* por *μὴ χωριστά*, contudo, é irrelevante para o contexto referente aos objetos da física. Mais do que isso, o trecho 1026a9-10 apenas favorece a leitura de *ἀχώριστα* em 1026a14, contra a conjectura do próprio Schwegler. Com efeito, mesmo que adotemos a substituição mencionada para a passagem 1026a9-10, o sentido relevante de *χωριστόν*, no trecho (1026a9-10), diz respeito à separação em relação à matéria.

Quanto ao contexto de *Metaph. E1* e contra Schwegler, Décarie faz as seguintes considerações:

A correção proposta depende do sentido de *χωριστόν* nesta passagem. Ora, este sentido nos é claramente indicado na linha 15: o objeto das matemáticas “não é separado, mas como que inserido [*engagé*] na matéria”; consequentemente, é *χωριστόν* aquilo que está separado da matéria, é *ἀχώριστον* aquilo que está na matéria, ou que não existe a não ser na matéria (= *ὡς ἐν ὄλῃ*). Este é o significado que encontramos nos seguintes lugares: 1025b27-28 (onde se trata da forma substancial que não existe sem matéria nos seres naturais), b32-33, 1026a2-3, 5-6. (DÉCARIE, 1985, p. 8-9)

Consideremos de modo mais detalhado como o contexto de *Metaph. E1* sugere que mantenhamos a leitura de *ἀχώριστα* para 1026a14. Em primeiro lugar, Décarie (1985) esclarece que o sentido de *χωριστόν*, no contexto em questão, seja indicado em 1026a15, onde Aristóteles, logo após mencionar os objetos da física, afirma que os objetos das matemáticas são “imóveis, porém certamente não separados, mas existentes na matéria”. Quero observar, além disso, que o argumento de Aristóteles para estabelecer que a física é uma ciência teórica deixa evidente que ela teorizará “sobre um ser tal que é suscetível de movimento, e sobre a substância que, com respeito ao enunciado, é nas mais das vezes não separada” (*Metaph. E1*, 1025b26-28). É fundamental

¹⁴ Essa correção sugerida por Schwegler não foi aceita pela maioria dos intérpretes. Sobre algumas razões para a não aceitação da correção, ver Ross ([1924] 1997, I, p. 355) e Menn (171, p. 8).

percebermos a caracterização que Aristóteles aqui oferece sobre a física: a substância da qual ela se ocupa é aquela que, “com respeito ao enunciado”, é não separada. O contexto subsequente, principalmente até 1026a7, deixa ainda mais claro que Aristóteles está falando a respeito de definições, e que essa substância da qual a física se ocupa é não separada “da matéria”.

Aristóteles observa¹⁵ que, das coisas definíveis, algumas são como o adunco (*σιμόν*), enquanto outras são como o côncavo. A diferença reside no fato de que o adunco deve ser compreendido com a matéria, mas o côncavo existe sem matéria sensível. Em seguida,¹⁶ Aristóteles introduz um condicional que diz que, se todas as coisas físicas forem iguais ao adunco – ou seja, se de nenhuma delas o enunciado é sem movimento, mas sempre envolve matéria –, então “é evidente como, nas coisas naturais, é preciso investigar e definir o ‘o que é’, e também por que cabe ao físico considerar certa alma, apenas na medida em que não é sem matéria” (*Metaph.* E1, 1026a4-6).

O contexto de *Metafísica* E1 é semelhante ao de *Física* II 2. Em *Ph.* II 2, 194a5-7, Aristóteles menciona os termos “carne”, “osso” e “homem” para esclarecer que eles são definidos como o adunco (ou seja, não podem ser definidos sem movimento), e não como o curvo (que é definível sem movimento). Exemplos idênticos são oferecidos em *Metaph.* E1, onde Aristóteles discorre sobre coisas que são análogas ao adunco e das quais o enunciado não é sem movimento, mas sempre envolve matéria: “nariz, olho, rosto, carne, osso, e, de modo geral, animal; folha, raiz, casca, e, de modo geral, planta” (1025b34-1026a6).

No caso de *Metaph.* E1, conforme mencionado, o objetivo é esclarecer como o físico deve investigar e definir o “o que é”, bem como até que ponto ele deve considerar a alma, a saber, o tanto que não existe sem matéria. Semelhante observação é apresentada ao final de *Física* II 2. Não vem ao caso entrar em detalhes sobre o movimento argumentativo, mas é possível destacar alguns pontos. Em 194a12ss, Aristóteles afirma que, dado que “natureza” possui dois sentidos, a saber, a forma e a matéria, é como no caso da investigação sobre o que é a aduncidade que se deve investigar, pois tais coisas não são sem matéria. O filósofo menciona, ainda, algumas dificuldades que alguém poderia levantar, como: sendo duas as naturezas, qual das duas caberia ao físico considerar? Ou ele deveria estudar o composto de ambas? Se o físico deve estudar o composto, então estudaria cada uma delas; e, se

¹⁵ Cf. *Metaph.* E1, 1025b30ss.

¹⁶ Cf. *Metaph.* E1, 1025b34-1026a6.

esse fosse o caso, caberia à mesma ciência ou a ciências diferentes considerar cada uma das naturezas?

Aristóteles observa que, se considerássemos a opinião dos antecessores, a física diria respeito à matéria, e que Empédocles e Demócrito teriam alcançado a forma e a essência apenas em parte. No entanto, o Estagirita argumenta que cabe à mesma disciplina considerar a natureza em ambos os sentidos, mas até certo ponto (*μέχρι του*). A expressão “até certo ponto” é esclarecida ao final do capítulo, porém apenas com relação à forma e ao “o que é” – a matéria não é mencionada possivelmente por ser evidente que o físico a considere. Aristóteles pergunta: “Até que ponto é preciso que o físico conheça a forma e o ‘o que é?’” (194b9-10). A resposta vem em seguida: até que conheça o “em vista de que” de cada uma, “e acerca dessas coisas que são separáveis em forma, mas existem na matéria” (194b10-13).

Embora o contexto de *Física* II 2 possa não ser decisivo para o ponto, sua semelhança com *Metaph.* E1, no que diz respeito ao modo como os objetos da física são definidos, ajuda a esclarecer o que Aristóteles poderia ter em mente ao caracterizar as filosofias teóricas em *Metaph.* E1; ou seja, as filosofias teóricas estariam sendo caracterizadas a partir do ponto de vista do enunciado da definição de seus objetos de estudo. Isso sugere que, com relação ao contexto, devemos manter a leitura de *ἀχώριστα* para 1026a14 e rejeitar a conjectura de Schwegler.

Passemos agora ao segundo ponto da justificativa de Schwegler para sua conjectura. Schwegler defendeu que a substituição de *ἀχώριστα* por *χωριστά* fosse requerida não apenas pelo contexto, mas também pelo contraste lógico marcado de modo claro e preciso pelas partículas adversativas presentes no trecho 1026a13-16. Para que possamos analisar com mais clareza o que Schwegler pode estar sugerindo, reproduzo, abaixo, o texto grego:

ἡ μὲν γὰρ φυσικὴ περὶ
 ἀχώριστα μὲν ἀλλ' οὐκ ἀκίνητα, τῆς δὲ μαθηματικῆς ἔνια
 περὶ ἀκίνητα μὲν οὐ χωριστὰ δὲ ἴσως ἀλλ' ὡς ἐν ὕλη· ἡ
 δὲ πρώτη καὶ περὶ χωριστὰ καὶ ἀκίνητα. (*Metaph.* E1, 1026a13-16)

Infelizmente, assim como no caso do contexto, Schwegler não esclarece sua posição a respeito do contraste lógico marcado pelas partículas adversativas. No entanto, a justificativa de Ross para a adoção da conjectura de Schwegler pode nos ajudar a entender o ponto. Ross observa que *ἀχώριστα μὲν ἀλλ' οὐκ ἀκίνητα* (1026a14) “seria uma falsa antítese, pois as coisas que não são

separadas da matéria são necessariamente coisas que possuem movimento” (ROSS, [1924] 1997, I, p. 355).

Décarie, contudo, fez as seguintes considerações em oposição a Ross:

A dificuldade assinalada por Ross (que não há antítese entre “não separado” e “não imóvel”) nos parece superada por uma comparação com o objeto das matemáticas, no mesmo lugar: esse objeto é “imóvel, mas não separado”; entre as realidades “não separadas” há, portanto, algumas *móveis* (= físicas) e algumas imóveis (= matemáticas): é a precisão que *ἀλλά* (a14) traz à tona. Deve-se admitir, entretanto, que Aristóteles poderia ter se expressado mais claramente. (DÉCARIE, 1985, p. 9)

Stephen Menn, por outro lado, procura defender as posições de Schwegler e Ross afirmando que o caso em que há exceção é o da matemática, não o da física, e é ele (o caso da matemática) que deve conter – e contém – uma partícula adversativa: *ἀκίνητα μὲν οὐ χωριστὰ δὲ* (1026a15). Menn observa, ainda, que o trecho 1025b34-1026a3 destaca que “[...] as coisas naturais não podem ser definidas sem movimento, ou sem matéria, e, portanto, se somos lembrados de que elas são inseparáveis da matéria, será tudo menos automático que elas sejam não imóveis” (MENN, 1971, p. 9).

Acredito que a posição de Menn não se sustente, principalmente devido a certos aspectos idiomáticos da língua grega, que considerarei na sequência. Há, ao que parece, possibilidades interpretativas referentes ao uso das partículas adversativas que dão margem a uma interpretação diferente das sustentadas por Schwegler, Ross e Menn, e que, portanto, justificam a leitura de *ἀχώριστα* para 1026a14.

Em primeiro lugar, podemos observar um contraste estabelecido pelas partículas *μὲν...δὲ* que diz respeito às filosofias teóricas. A partícula *μὲν* da linha a13 (*ἡ μὲν γὰρ φυσικῆ*) abre um segmento que será completado pela partícula *δὲ* nas linhas a14 (*τῆς δὲ μαθηματικῆς ἔνια*) e a15-16 (*ἡ δὲ πρώτη*). Isso mostra que Aristóteles está contrastando e caracterizando cada uma dessas filosofias teóricas de acordo com seu objeto. Outro caso de contraste evidenciado pelas partículas *μὲν...δὲ* diz respeito à linha a15, onde Aristóteles esclarece do que tratam partes da matemática: *ἀκίνητα μὲν οὐ χωριστὰ δὲ ἴσως* – ou seja, coisas imóveis, porém certamente não separadas.

O caso da física (linhas a13-14), por outro lado, não estabelece um contraste entre *ἀχώριστα* e *οὐκ ἀκίνητα*. A partícula *μὲν* posposta à palavra *ἀχώριστα* não parece abrir um segmento que será completado por um contraste, como no caso da matemática. Na linha a14, *μὲν* é seguida por um *ἀλλά*, o que, de

fato, poderia indicar um contraste ainda mais forte do que o construído por *μὲν...δὲ*.¹⁷ Cabe destacar, no entanto, dois pontos. O primeiro deles é que *μὲν* pode abrir um segmento que será completado não com um contraste, mas com uma adição.¹⁸ O segundo ponto é que a palavra *ἀλλά*, embora comumente usada em função adversativa, pode ter um sentido assertivo, no qual uma concordância seria apresentada como inevitável e evidente por si mesmo.¹⁹ É provável que esse seja o sentido em 1026a14; ou seja, talvez Aristóteles esteja simplesmente declarando algo evidente e a respeito do qual não houvesse discordância.

Como observei, os critérios de Aristóteles para distinguir as filosofias teóricas são separação e movimento. Apesar da autoevidência de que algo não separado (da matéria) seja algo móvel (ou não imóvel), Aristóteles não deixou de passar o caso da física pelo filtro dos dois critérios mencionados. É bastante provável que, pelo mesmo motivo de autoevidência, Aristóteles tenha usado as partículas *μὲν...δὲ* para caracterizar os objetos da matemática, mas, ao caracterizar os objetos da física, ele tenha usado a partícula *μὲν* (sem o complemento de contraste introduzido por *δὲ*) seguida de *ἀλλά* em sentido assertivo.

Os pontos até aqui considerados sugerem que, seja pelo contexto ou pelo uso das partículas adversativas, a conjectura de Schwegler para 1026a14 não parece ser justificada. No entanto, é preciso considerar mais alguns pontos da justificativa de Schwegler, como a afirmação de que o próprio assunto exigiria a correção do texto, pois “os objetos da *φυσική* enumerados em § 12 são, sem dúvida, coisas individuais, *χωριστά*” (SCHWEGLER, 1848, IV, p. 16).

O parágrafo 12, na divisão de Schwegler, corresponde ao trecho 1025b34-1026a6 da numeração Bekker. Sobre esse ponto, observo que, no trecho em questão, não é claro que os exemplos enumerados por Aristóteles sejam coisas individuais. Se Aristóteles de fato faz referência à definição das substâncias sensíveis em 1025b34-1026a6, como parece ser o caso, os exemplos enumerados podem ser compreendidos como uma referência às essências dos seres naturais. Isso parece mostrar que Schwegler novamente desconsidera o contexto do trecho mencionado, que visa esclarecer como, no caso das

¹⁷ Cf. Emde Boas *et al.* (2019, p. 676).

¹⁸ Cf. Emde Boas *et al.* (2019, p. 676).

¹⁹ Cf. Denniston (1954, p. 16).

coisas físicas, é preciso investigar e definir o “o que é”, e por que cabe ao físico considerar a alma até o ponto em que não seja sem matéria.²⁰

De modo semelhante, não é claro qual seria a intenção de Schwegler com a menção ao trecho de *Metaph.* Z11, 1037a13-17. O trecho mencionado, que diz que seria tarefa da física, a filosofia segunda, considerar as substâncias sensíveis (*τῆς φυσικῆς καὶ δευτέρας φιλοσοφίας ἔργον ἢ περὶ τὰς αἰσθητὰς οὐσίας θεωρία*), não esclarece por que deveríamos adotar a leitura de *χωριστά* ou *τὰ χωριστά* para *Metaph.* E1, 1026a14. Caso o texto de Z11 seja lido em conjunto com o de E1, isso apenas reforçaria a leitura de *ἀχώριστα* para 1026a14. Com efeito, o trecho de Z11 subsequente ao citado por Schwegler (1037a14-16) menciona que o físico deve conhecer não apenas o que diz respeito à matéria, mas que ele deve também conhecer – ainda mais do que em relação à matéria – o que diz respeito à substância em relação ao enunciado (1037a16-17), o que pode reforçar certo paralelismo com *Física* II 2 e a ideia de que Aristóteles, em *Metaph.* E1, estaria caracterizando as filosofias teóricas a partir do ponto de vista do enunciado da definição de seus objetos de estudo.

Quanto à menção de Schwegler ao texto de *De anima* I 1 não parece haver muito a acrescentar, pois o autor reconhece que, nesse caso, Aristóteles caracteriza os objetos do físico como não existindo separados da matéria. Assim como em *Física* II 2, o texto de *De anima* I 1 levanta a questão sobre o que caberia ao físico considerar. De modo mais específico, Aristóteles pergunta quem seria, afinal, o físico: se aquele que considera a matéria e ignora o enunciado ou aquele que considera unicamente o enunciado, ou, em vez disso, se o físico seria aquele que considera o que é a partir ambos, matéria e enunciado.²¹ Aristóteles esclarece, na sequência,²² que o físico trata de ações e afecções que dizem respeito a certo tipo de corpo e de matéria, de modo a deixar para outros as coisas que não são desse tipo. Assim, as afecções que não são separáveis – por não pertencerem a certo tipo de corpo e por serem por abstração – são objeto do matemático, ao passo que as que são separadas (*κεχωρισμένα*) são objeto do filósofo primeiro (*πρῶτος φιλόσοφος*). O objetivo de Aristóteles, tal como em *Pb.* II 2 e *Metaph.* E1, parece ser o de destacar a perspectiva material que diz respeito à física, deixando a cargo da filosofia primeira aquelas coisas que não envolvem matéria.²³

²⁰ Cf., também, Décarie (1985, p. 9, n. 12).

²¹ Cf. *De an.* I 1, 403b7-9.

²² Cf. *De an.* I 1, 403b10-16.

²³ Cf. *Pb.* II 2, 194b14-15.

A partir dos pontos aqui expostos, por fim, a conjectura de Schwegler para *Metaph.* E1, 1026a14, não deveria ser aceita. As razões oferecidas pelo autor para a substituição de ἀχώριστα por χωριστά ou τὰ χωριστά, seja no que diz respeito ao contexto, ao contraste lógico marcado pelas partículas adversativas ou ao próprio assunto referente aos objetos da física, não parecem adequadas. O uso das partículas adversativas, como visto, abre caminho para uma interpretação completamente compatível com o texto dos códices e das edições de Bekker (1831) e Bonitz (1848). O contexto argumentativo de *Metaph.* E1, bem como a menção aos objetos da física enumerados em 1025b34-1026a6, destacam que Aristóteles estaria se referindo a definições, não a entidades individuais, como sugere Schwegler. Além disso, conforme observado, Aristóteles usa o termo χωριστόν para estabelecer um contraste entre seres materiais e imateriais, bem como para estabelecer um contraste entre a substância e os itens das outras categorias. Como o texto de *Metaph.* E1 não contém nenhuma ocorrência de χωριστόν neste segundo sentido, seu contexto como um todo seria fortemente contrário à correção proposta por Schwegler em 1026a14. Ademais, a semelhança do contexto argumentativo com o texto da *Física* e do *De anima* parece reforçar que a classificação das filosofias ou ciências teóricas em *Metaph.* E1 seja fundamentada no critério de separação que diz respeito ao enunciado da definição dos seus respectivos objetos de estudo, de modo que a física, portanto, nesse contexto, teria como objeto as coisas ou substâncias na medida em que elas contenham uma referência à matéria.²⁴

[Recebido em janeiro/2022; Aceito em Março/2022]

REFERÊNCIAS

- ANGIONI, L. Aristóteles. *Metafísica: Livros IV e VI*. Clássicos da Filosofia: Cadernos de Tradução nº 14. Campinas: UNICAMP/IFCH, 2007.
- BARNES, J. (ed.). *The Complete Works of Aristotle*. 2 vols. New Jersey: Princeton University Press, 1984.
- BEKKER, I. (ed.). Aristoteles. *ΤΩΝ ΜΕΤΑ ΤΑ ΦΥΣΙΚΑ*. Berlin: G. Reimer, 1831.
- BERTI, E. Aristotele. *Metafísica*. Bari: Laterza, 2017.
- BONITZ, H. (ed.). *Aristotelis Metaphysica recognovit et enarravit*. 2 vols. Bonn: Marcus, 1848-1849.

²⁴ Agradeço a Raphael Zillig pelos valiosos comentários e sugestões que muito contribuíram para este artigo. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

- CHRIST, W. (ed.). *Aristotelis Metaphysica*. Leipzig: Teubner, [1886] 1906.
- DÉCARIE, V. La Physique porte-t-elle sur des « non-séparé » ? In: AUBENQUE, P. et al. *Études Aristotéliciennes: Métaphysique et Théologie*. Paris : Librairie Philosophique J. Vrin, 1985, p. 7-9.
- DENNISTON, J. D. *The Greek Particles*. 2ª ed. Oxford: Clarendon Press, 1954.
- EMDE BOAS, E. et al. *The Cambridge Grammar of Classical Greek*. New York: Cambridge University Press, 2019.
- JAEGER, W. (ed.). *Aristotelis Metaphysica*. Oxford: Clarendon Press, 1957.
- KIRWAN, C. Aristotle. *Metaphysics: Books Γ, Δ, and E*. 2ª ed. Oxford: Clarendon Press, 1993.
- MANSION, A. Filosofia primeira, filosofia segunda e metafísica em Aristóteles. In: ZINGANO, M. (org.). *Sobre a Metafísica de Aristóteles: Textos selecionados*. São Paulo: Odysseus Editora, 2009, p. 123-176.
- MARTÍNEZ, T. C. Aristóteles. *Metafísica*. Madrid: Editorial Gredos, 1994.
- MENN, S. *The Aim and the Argument of Aristotle's Metaphysics*. Disponível em: <<https://www.philosophie.hu-berlin.de/de/lehrbereiche/antike/mitarbeiter/menn/contents>>. Acesso em: 04 out. 2021.
- MICHELET, K. L. *Examen critique de l'ouvrage d'Aristote intitulé Métaphysique*. Paris: J. A. Mercklein, 1836.
- REALE, G. Aristotele. *Metafísica*. 3ª ed. Milano: Rusconi, 1997.
- ROSS, W. D. Aristotle. *Metaphysica*. In: ROSS, W. D. (ed.). *The works of Aristotle translated into English*. Vol. VIII: *Metaphysica*. 2ª ed. Oxford: Clarendon Press, 1928.
- ROSS, W. D. (ed.). *Aristotle's Metaphysics: A revised text with introduction and commentary by W. D. Ross*. 2 vols. Oxford: Clarendon Press, [1924] 1997.
- SALIS, R. The Unity of Aristotle's *Metaphysics*: Book E according to the Interpretation of the Ancient Commentators. In: *Journal of Ancient Philosophy*. São Paulo, vol. 12, n. 1, p. 89-132, 2018.
- SCHWEGLER, A. *Die Metaphysik des Aristoteles: Grundtext, Übersetzung und Commentar, nebst Erläuternden Abhandlungen*. 4 vols. Tübingen: L. Fr. Fues, 1847-1848.